O ISQUEIRO

IA um soldado andando pela estrada com passo marcial: um, dois! um, dois! Levava o sabre ao lado e a mochila às costas. Voltava da guerra, e ia a caminho de casa.

Encontrou no caminho uma feiticeira velha, de feiura espantosa! O lábio inferior pendia-lhe até o peito. Ela o cumprimentou:

— Bom dia, soldado! Que linda espada levas, e que mochila grande! Também, se quiseres, poderás ter tanto dinheiro como te der na fantasia.

— Obrigado, velha feiticeira! — replicou o soldado.

— Vês essa enorme árvore? Pois está tôda ôca. Sobe até o tôpo e verás que tem um buraco. Por êle poderás descer até o interior da árvore. Levarás esta corda amarrada ao corpo, e eu te içarei quando me deres o sinal.

— E que terei de fazer lá em baixo? — indagou êle.

— Apanhar dinheiro. Devo dizer-te que lá em baixo, no fundo da árvore, há uma enorme sala muito bem iluminada; pendem do teto mais de cem lâmpadas. Verás três portas, que poderás abrir, porque as chaves estão na fechadura. Abrindo a primeira, verás no meio da sala uma arca de madeira; e deitado em cima dela um cão, cujos olhos são do tamanho de um pires. Não tenhas mêdo: vou dar-te meu avental azul, que estenderás no chão, e, sem perder tempo, porás o cão em cima dêle. Só então abrirás

a arca, e tirarás dela quanto dinheiro quiseres. São só moedas de cobre, e, se preferes prata, terás de abrir a segunda porta. Lá verás outro cão, de olhos do tamanho de mós de moinho. Não tenhas mêdo: mete-o no meu avental e junta quanto dinheiro quiseres. Agora, se preferes ouro, poderás também tirar quanto quiseres, mas no terceiro quarto. Ah! Mas lá encontrarás um cão de olhos tão grandes como a tôrre redonda de Copenague. Aquêle sim, é um senhor cão! Não tenhas mêdo: pondo-o no meu avental poderás apanhar quanto ouro quiseres, tirando-o do terceiro cofre.

— Tudo isso é muito bom — disse o soldado — mas que queres que eu faça em troca disso? Porque certamente que hás de querer alguma coisa, velha feiticeira.

— Não, não quero nem um vintém; só te peço que me tragas um isqueiro velho, que minha avó esqueceu lá em baixo, da última vez que entrou na árvore.

— Pois bem: ata-me a corda à cintura.

— Pronto! E aqui está também o meu avental.

E o soldado subiu à árvore, escorregou pelo tronco ôco, e foi ter a uma grande sala, tôda iluminada, conforme dissera a feiticeira.

Abriu a primeira porta. Credo! Lá estava o cão, que fixava nêle olhos do tamanho de um pires!

— És um belo rapaz! — disse logo o soldado, enquanto pegava no cão e o depositava sôbre o avental da bruxa.

Encheu então os bolsos de moedas de cobre, fechou de novo a arca, pôs de novo o cão em cima dela e dirigiu-se para a segunda porta. Abriu-a, e a primeira coisa que viu foi o cão de olhos enormes, do tamanho de mós de moinho.

— Não me olhes assim, tão fixamente — disse êle. — Podes ficar vesgo!

E pôs o cão no avental; mas, quando viu quanta prata havia no cofre, deitou fora tôdas as moedas de cobre

Credo! Lá estava o cão, que fixava nêle olhos do tamanho de um pires!

e atulhou os bolsos e a mochila de moedas de prata. E dali foi para a terceira porta, que abriu. E... que horror! Aquêle cão tinha, na verdade, os olhos do tamanho da tôrre de Copenague! E ainda por cima, giravam nas órbitas, como rodinhas de fogo de artifício.

— Boa tarde! — disse êle, levando a mão ao boné.

Cumprimentava o cão, porque jamais na vida vira animal que inspirasse tanto respeito. Encarou-o um instante, como se lhe pedisse licença, e depois ergueu-o e o depôs no avental e abriu a arca. Deus nos acuda! Quanto ouro! Daria para comprar a cidade inteira de Copenague, com tôdas as confeitarias, e todos os soldadinhos de chumbo, e chicotinhos, e cavalos de balanço do mundo! Era muito dinheiro! E o soldado lançou fora tôda a prata que recolhera, para levar ouro, só ouro. Encheu os bolsos, a mochila, o boné, e até nas botas meteu moedas de ouro — tantas e tantas que quase nem podia andar. Agora sim, que estava rico!

Pôs o cão outra vez sôbre o cofre, fechou a porta e gritou:

— Puxa a corda, velha feiticeira!

— Achaste o isqueiro? — perguntou ela antes de içá-lo.

— E esta! Tinha-me esquecido dêle!

Foi em busca do isqueiro, e, quando o achou, deu o sinal. A velha puxou-o para cima, e logo o soldado se viu de novo na estrada, com os bolsos, as botas, a mochila e o boné cheios de ouro.

— Para que queres tu êste isqueiro? — perguntou à bruxa.

— Isso agora não é da tua conta; já tens o dinheiro, dá-me o que me pertence.

— Escuta, velha feiticeira: se não me disseres para que queres êste isqueiro, corto-te a cabeça com o meu sabre!

— Pois não te digo!

E então o soldado cortou-lhe a cabeça. A velha ficou ali estendida; êle fêz uma trouxa de dinheiro com o avental dela, lançou a trouxa aos ombros, meteu o isqueiro no bôlso e marchou para a cidade.

Era uma cidade muito bonita; êle se dirigiu ao melhor hotel, pediu o melhor apartamento, o melhor jantar. Pois que era agora rico, havia de aproveitar bem a riqueza.

O criado que o servia estranhou que homem tão opulento tivesse botas tão velhas e acalcanhadas; mas é que êle não tivera tempo de comprar outras. No dia seguinte, porém, tratou de se vestir e calçar como lhe convinha. Agora sim, parecia um cavalheiro elegante; e todos lhe falavam nas grandezas da cidade, e no seu rei, e na amável princesa, sua filha.

— E onde poderei vê-la? — indagou o soldado.

— Ah! quanto a isso, não é possível. Ela mora em um castelo de bronze, cheio de tôrres, e cercado de altas muralhas. Ninguém lá entra, a não ser o rei, porque uma profecia diz que ela casará com um soldado raso, e o rei quer impedir a todo o transe que a profecia se realize.

— Ah! Se eu pudesse vê-la! — pensou o soldado.

Mas era impossível obter licença para entrar no castelo.

Começou então a levar uma vida muito alegre e divertida: ia ao teatro, passeava de carro no Parque Real, e dava muito dinheiro aos pobres — coisa muito digna de louvor. Lembrava-se bem de quanto é triste não ter a gente dinheiro para gastar! Agora, que estava tão rico, também tinha muitos amigos; todos o elogiavam, dizendo que era um moço muito distinto — um perfeito cavalheiro — palavras que muito lisonjeavam a sua vaidade.

Mas, como gastava sem medida, e nada ganhava, chegou por fim um dia em que se viu com duas moedas apenas. Acabara o dinheiro; viu-se forçado a deixar os quar-

tos elegantes em que morava, trocando-os por um sótão; e tinha de limpar as botinas, e até remendá-las, com uma agulha de cerzir. E já nenhum amigo ia mais visitá-lo — eram muitos degraus para subir até lá.

Uma noite não tinha já nem um vintém para comprar uma vela, e estava às escuras, quando se lembrou do velho isqueiro que tirara do ôco da árvore. Foi buscá-lo. Quando bateu com o fuzil na pederneira e saltou dela uma faísca, abriu-se a porta e apareceu um cão — aquêle cão de olhos do tamanho de pires, que vira lá dentro da árvore. E o cão perguntou-lhe:

— Que ordena, meu senhor?

— Mas que é isto! — exclamou o soldado. — Êste isqueiro não tem preço, se eu puder obter dêle tudo o que desejo!

Dirigindo-se então ao cão, disse-lhe:

— Traze-me dinheiro.

Desapareceu o cão como um relâmpago, e voltou também com a mesma presteza, tendo na bôca um saquinho cheio de moedas de cobre.

Via agora o soldado que tesouro possuía naquele isqueiro velho, de poder prodigioso. Se dava uma pancada, aparecia o cão do cofre de cobre; se dava duas, vinha o da arca de prata; e se dava três batidas era o da arca de ouro que aparecia.

Pôde assim o soldado voltar à sua vida regalada, vestir-se com a mesma elegância, e morar em quartos de luxo. E de novo seus amigos antigos o conheciam, e testemunhavam-lhe tanta amizade como dantes.

Mas um dia veio-lhe à memória o caso da princesa.

— Afinal é estranho que ninguém a possa ver! Dizem todos que é tão linda — mas de que serve isso, se tem de viver sempre encerrada em um castelo de bronze cheio de tôrres? Não poderei mesmo vê-la? Onde está meu isqueiro?

. . . tinha um desejo tão grande de rever a princesa, que o cão tornou a ir buscá-la.

Fêz fogo e apareceu o cão de olhos do tamanho de pires.

— É tarde da noite — disse o soldado — mas eu estou ansioso por ver a princesa, ainda que seja por um só momento!

Sumiu-se o cão no mesmo instante, e, antes que o soldado tivesse tempo sequer de pensar, já estava de volta com a princesa. Estava adormecida, sôbre o lombo do animal; e era de fato tão formosa que logo se via que era uma princesa! O soldado — porque era um verdadeiro soldado — não pôde deixar de lhe dar um beijo.

Saiu o cão levando a princesa; mas, à hora do almôço, disse ela aos pais que tinha tido um sonho maravilhoso, em que entravam um cão e um soldado: tinha andado nas costas do cão, e o soldado a beijara.

— É uma história linda — disse a rainha.

E naquela noite ficou uma dama de honor ao pé da cama da princesa, para lhe velar o sono e ver se de fato ela sonhara, ou se haveria nisso alguma coisa estranha.

Ora o soldado tinha um desejo tão grande de rever a princesa, que o cão tornou a ir buscá-la. Mas a velha dama de honor se pôs no encalço do animal; e quando viu que êle desaparecia com a princesa em uma grande casa, fêz na porta uma cruz, com um pedaço de giz, para poder reconhecê-la mais tarde. Foi então para casa e deitou-se. Dali a um momento tornou o cão a sair com a princesa, e, ao ver a cruz branca na porta, pegou também em um pedaço de giz e fêz cruzes em tôdas as portas da cidade; era um cão sagaz, pois assim a dama de honor não poderia saber qual a casa marcada por ela, uma vez que tôdas as portas tinham cruzes de giz.

De manhã cedo saíram o rei, a rainha, a dama de honor e todos os oficiais da casa real, para ver onde tinha estado a princesa.

— É ali — disse o rei, ao ver a primeira porta com uma cruz.

— Não, querido, foi aqui — disse a rainha, vendo uma cruz em outra porta.

— Mas... ali está outra, e outra, e mais outra! — gritavam agora todos os da comitiva.

E viram que era inútil continuar a busca — pois que havia uma cruz em cada porta.

Mas a rainha era dama de muito engenho, e sabia mais coisas do que andar de carro pelas ruas. Ela tomou sua tesoura de ouro e cortou e recortou um pedaço de sêda; fêz dali um saquinho e encheu-o de trigo mourisco. Amarrou-o na cintura da princesa e depois fêz um buraquinho na ponta do saco; assim iriam caindo os grãozinhos por onde a princesa andasse.

À noite voltou o cão e levou a princesa de novo para o quarto do soldado, subindo com ela pela parede: estava o rapaz tão enamorado dela, que só desejava ser um príncipe, para poder casar com a linda princesa.

Não notou o animal que a princesa ia semeando trigo por onde passava. No dia seguinte não foi difícil ao rei e à rainha descobrir a casa onde estivera sua filha, e mandaram logo prender o soldado, que foi parar na cadeia. Sentado no calabouço, refletia êle na sua triste situação. Como era escuro e desagradável aquêle lugar! E pior ainda foi quando ouviu a sentença:

— Serás enforcado amanhã!

Não era nada alegre a notícia; e ainda por cima verificou que tinha deixado seu isqueiro no hotel.

De manhã viu a multidão de gente que ia correndo para as portas da cidade, para assistir à execução. Através das grades da janelinha viu também passar o pelotão de soldados que marchavam para o lugar da fôrca. Ouvia o toque dos tambores; via que todos estavam ansiosos para vê-lo enforcado, e entre aquela gente tôda avistou um

— É ali — disse o rei, ao ver a primeira porta com uma cruz.

aprendiz de sapateiro, de avental de couro e chinelas. Corria tão açodado que uma das chinelas lhe escapou do pé e foi bater mesmo na grade da janela, onde estava o soldado, que gritou por êle:

— Olá! Não corras tanto! A festa não começará enquanto eu não chegar. Escuta: se queres ir à minha casa e trazer-me um isqueiro que ficou lá, dar-te-ei quatro xelins. Mas tens que correr com vontade, rapaz!

Ora, o aprendiz ficou muito contente de poder apanhar aquelas moedas; saiu pois a tôda a pressa e voltou num instante com a caixinha, e... mas vamos ver o que aconteceu.

Tinham erguido uma alta fôrca; em tôrno dela premia-se enorme multidão — centenas de milhares de pessoas. Os soldados mal conseguiam manter tôda aquela gente no lugar a ela destinado. Os reis ocupavam um trono magnífico, em frente dos juízes e do Conselho.

Já o soldado tinha subido ao patíbulo, e iam passar-lhe a corda pelo pescoço, quando pediu que lhe concedessem uma graça insignificante, conforme era costume fazer-se com todos os criminosos antes da execução. Desejava muito tirar algumas fumaçadas do seu cachimbo antes de morrer: seria a última vez que fumava neste mundo.

Não quis o rei negar essa graça, e o soldado puxou pelo isqueiro e feriu a pederneira — uma, duas, três vêzes! E num relance estavam ali todos os cães — o dos olhos do tamanho de um pires, o dos olhos do tamanho de mós de moinho, e o dos olhos tão grandes como a tôrre redonda de Copenague.

— Acudam-me, que não me enforquem! — disse-lhes o soldado.

Caíram os cães imediatamente sôbre os juízes e todo o Conselho, apanharam um pelas pernas, outro pelo na-

... apanharam uns pelas pernas, outro pelo nariz e atiraram-nos tão alto, que...

riz e atiraram-nos tão alto, que quando caíram em terra estavam em pedaços.

— Não consinto . . . — gritou o rei, ao ver aquilo.

Mas o maior de todos atirou-se a êle e à rainha, e num instante estavam ambos também rodopiando no ar, como acontecera com os outros.

Então soldados e povo, amedrontados, puseram-se a gritar:

— Soldadinho, soldadinho! Serás agora o nosso rei, e casarás com a bela princesa!

Instalaram o soldado na carruagem real, e os três cães iam à frente, bradando:

— Viva! Viva!

Os moleques assobiavam nos dedos, e os soldados apresentavam armas. A princesa saiu enfim do seu castelo de bronze, e foi proclamada rainha, o que muito lhe agradou, na verdade!

As festas do noivado duraram uma semana; os três cães também se sentaram à mesa do festim, arregalando mais que nunca os enormes olhos para tudo quanto viam.